

Dados da Ficha	
Palavras-chave	Erva-mate, José Maria, plantação, Alemães, Italianos.
Entrevistada:	Senhorinha Portela Lopes (94 anos) (SP) Sebastião Lopes (62 anos) (SL)
Entrevistadoras:	Melânia Höhn (MH) Maria N. Castamann (MNC)
Data da entrevista	Nov. de 2014
Transcrição da entrevista:	NI

OBS: Também participou da entrevista o filho Sebastião Lopes (62 anos) portador de deficiência visual.

MH - Para deixar registrado a senhora poderia dizer seu nome completo?

SP - Senhorinha Portella Lopes.

MH - Quantos anos a senhora tem?

SP - Tenho 94 anos.

MH - A senhora sempre morou aqui?

SP - Eu sou do Rio Grande, mas aqui em Santa Catarina faz mais de 62 anos que vim morar. Moramos por mais de 32 anos na costa do rio Carneiro.

SL - A mãe veio grávida de lá, eu já tenho 62 anos.

MNC - De onde do Rio Grande a senhora veio?

SP - Do município de Tapera – RG e vim morar em Chapecó.

MH - E quando chegaram aqui, compraram a terra?

SP - Sim, compramos um pedacinho de terra lá embaixo na costa do rio.

MH - E de quem compraram a terra?

SP - Compramos a terra do tio Fortunato que era irmão mais velho do pai.

MNC - A senhora sabe de quem ele comprou?

SP - Não sei de quem ele comprou?

MH - Sabe se era posse ou uso capião?

SL - Naquele tempo era posse porque não tinha escritura.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

SP - Podia ser eu não sei, porque naqueles tempos não eram escrituradas as terras. Depois que nós viemos morar para cá de tempo é que vieram medir as terras.

MH - Como era o lugar quando vocês chegaram?

SP - Era muito feio esse lugar, eu só chorava. Aqui era tudo mato fechado que não passava nada.

MH - A senhora tem lembranças se tinha erva-mate nesse lugar?

SP - Não, aqui não tinha nada de erva nativa.

BP - Agora tem porque foi plantado.

MH - A senhora lembra-se de outras plantas nativas que tinha no mato? Madeira de valor comercial?

SP - Era só capoeira, que nem hoje.

MNC - Então vocês derrubaram o mato para fazer lavoura?

SP - O compadre Fortunato derrubou, nós não, fomos morar lá embaixo e já era tudo derrubado.

MH - Ai trabalhava na roça?

SP - Toda vida trabalhamos na roça.

MH - A senhora lembra o que plantavam?

SP - Nós plantávamos milho, feijão, soja, batata-doce, mandioca, plantava de tudo.

MNC - Mas naquela época vocês plantavam só para o consumo ou vendiam?

SL - Só para o gasto.

SP - Plantemos até uma altura depois não vendia então paramos de plantar.

MH - E vendiam para quem?

SP - Vendia nem sei para quem, então aquela vez não queria, então choveu e estragou tudo.

SL - O finado Luis vendia para a cooperativa.

MH: E porco criavam?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

SP - Criava bastante, quando nós viemos morar aqui pra cima trouxemos 14 porcos, depois vendemos, era muito porco. Agora não criamos mais, só tem um porco no chiqueiro e não vamos criar mais porque custa muito caro criar, custa mais caro do que comprar a carne.

MNC - Como criavam os porcos? Solto ou fechado?

SP - De tudo um pouco, era criado fechado e solto na costa do rio. Criava até um tamanho fechado e depois soltava.

MH - Além do porco criavam também outros animais?

SP - Nós tínhamos bastante criação de gado, agora só tem duas vaca e duas terneiras.

MH - A senhora gostaria de falar como eram os costumes de vocês na comida ?

SP - A comida sempre foi grosseira, naqueles tempos não existia arroz e a gente não tinha condições de comprar, então não comia. Então nós comíamos feijão, quirera, canjica. Nós mesmos fazíamos a canjica no pilão, a quirera também, só passa o milho na peneira, depois deixa de molho.

MNC - O feijão era cultivado como? Era manual ou tinha máquina para malhar?

SL - Malhava tudo no manguá

SP - Era tudo na mão, no manguá

MH - E plantavam a mão ou tinha o saraquá?

SP - Plantava a mão, nós dizíamos sacho, tinha um biquinho para colocar na ponta da vara e nós plantávamos.

MH - Além das comidas e do que plantavam na lavoura, tinham outros costumes mais específicos dos brasileiros, como oração, benzimento e plantio de chás?

SP - Chá eu plantava, se a senhora fosse lá onde eu morava a quantia de chá que eu tinha.

MNC - Há quanto tempo a senhora mora aqui nesse lugar?

SP - 09 anos.

MH - Além dos chás a senhora plantava alguma outra planta? Fruta plantava também?

SP - Plantava só chá, fruta tinha tudo que quisesse, lima, limão, laranja, bergamota, fruta do mato tinha guabiroba e goiaba.

MH - E sobre o monge José Maria já ouviram falar?

SP: Na linha onde ele passava diziam que a água era santa, ele benzia a água.

MNC: E quando o monge José Maria passava aqui a senhora já morava aqui?

SP - Não conheci o seu João Maria, foi antes. Mas que tinha o João Maria tinha, ele era padrinho de uma irmã de minha sogra.

MH - E quando vocês trabalhavam na lavoura costumavam fazer puxirão? Como funcionava o puxirão?

SP - Fazia, daí eu comprava bastante comida e convidava os vizinhos, daí fazia um mutirão, de carpida, lavrada, plantada e colheita. Daí fazia o almoço para quem trabalhava.

MH - Como eram construídas as casas naquela época? Tinham assoalho?

SP - Quando nós fomos morar lá embaixo a casinha era coberta com palha.

SL - Era coberta com folha de coqueiro.

SP - Nem era de coqueiro era coberta com capim de elefante, não tinha assoalho era só chão batido.

MH - Tinha assoalho na casa?

SL - Não, tínhamos só chão, nós se criamos tudo descalço calçado começamos a usar com 20 anos de idade.

SP - Não tinha, não podia comprar calçado.

MH - Faziam também algum paiol além da casa?

SP - Lá embaixo depois que fizemos uma casa de madeira aí nós fizemos um paiolzinho, também foi só aquela vez, antes não tinha condições.

MH - Já tinha alguma escola ou igreja perto? Como eram as escolas e quem construía?

SP - Lá embaixo na Barra tinha escola de madeira, era construída pela comunidade.

MH - Tinham também o monjolo?

SP - Antes de nós morarmos lá embaixo diz que tinha monjolo, mas nós nunca utilizamos, usavam para socar canjica.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

MNC - E quando vocês matavam um porco ou gado vocês mantinham em casa ou vendiam?

SP - Eu não carneava o gado eu vendia o gado, o porco sim nós carneava.

MNC - Como faziam para guardar a carne?

SP - De gado nós nunca carneamos, a gente colocava uns arames na cozinha por cima do fogo, charqueava bem. Tinha minha sogra cortava a carne bem fininha, colocava no sol e ficava bem sequinha.

MH - Como faziam quando alguém da família ficava doente?

SP - Eu benzia, ele também benzia (companheiro). Benzia de rendi dura, seu Joaquim benzia muito.

MH - De quem a senhora aprendeu a fazer esse benzimento?

SP - Aprendi de minha mãe. Benzia para falta de ar, para as bichas, receitava o chá, eu tinha bastante chá. Tinha essa hortelã branca para as bicha é um remédio. Só não pode fazer na lua crescente, tem que ser na minguante, na crescente as bicha tão brava.

MH - Então quando as pessoas ficavam doentes não iam para o hospital?

SP - Não tinha hospital, mas eu to com 94 anos e nunca fui para o hospital, faço remédio em casa, até uma aranha me mordeu e não fui para o hospital, até pra picada de cobra eu benzia.

MH - Mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar sobre Igreja, festas, costumes, sobre João Maria?

SP - Quando era mais nova ia sempre à igreja lá na Cachoeira, depois virei evangélica continuei indo para a igreja.

MNC - Naquela época como eram as festas de comunidade?

SP - Lá embaixo aconteciam as festas bem bonitas, depois se mudaram tudo de lá e terminou a comunidade.

MH - E as festas eram para todo mundo participar?

SP - Ia todo mundo para as festas.

MH - E aqui moravam só brasileiros ou também alemães e italianos?

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

SP - Aqui pertinho onde nós morávamos era só brasileiro. Agora italiano na linha Chalana tinha bastante. É só varar o rio que é Linha Chalana. Agora vai virar uma vila, tem mais três moradores que vão vir morar aqui. Cada um é proprietário, aqui essas casas são dos filhos do compadre José, ele deu uma morada para cada um dos filhos. Se meu marido estivesse vivo estaria com 102 anos.

MNC - E o carijó seria o que?

SP - Feijão com arroz cozido tudo junto, o jupará.

MNC - Então o jupará é feijão e arroz cozido tudo junto?

SP - O jupará é uma comida do brasileiro (caboclos). As comidas que a gente fazia naqueles tempos quase nem faz mais. Cozinhava primeiro no fogo de chão, pendurava a panela no gancho e cozinhava, Daí foi comprada uma chapa e cozinhava tudo ali.

MNC - Então fazia esse tipo de comida porque só tinha uma panela?

SP - Só tinha uma panela. Daí foi feita a casinha de assoalho e comprado uma chapa. Ele fazia fogo de chão, no inverno parava ao redor do fogo tomando chimarrão e se esquentando, até hoje está ai a casinha de chão batido.

SL - A finada avó tinha mais de cem anos e nunca teve fogão.

MH - A roda dos anjos ou oferenda pra os anjos também faziam ? É a mesma do Divino ?

SP - Fazem todos os anos, dizem mesada dos inocentes. Compram uma comida arrumam uma mesa e só os inocentes almoçam, de sete anos para baixo. Eu nunca fui na festa dos inocentes, porque eles faziam sempre no Bormann.

SP - Quando eu era solteira eu a falecida comadre Eva e o pai caminhava uma distancia maior do que até na Linha Cachoeira, trabalhar para os italianos, plantava trigo, de pé no chão, manga curta, as perna da gente quebrava tudo a pele e fazia aquela casca de tanto frio que era.

MH - A gente gostaria de deixar registrado sobre autorização desta entrevista/ fotos para pesquisa e o nome de seu filho?

SP - Sebastião Lopes

MNC - Como é o nome da comunidade aqui Dona Senhorinha?

SP - Linha Nossa Senhora de Lurdes.